

# O HUMOR NO CEARÁ: UM PRODUTO TURÍSTICO IDENTITÁRIO DE TAL POVO

Juliana Araújo Costa<sup>1</sup>

## RESUMO

Este trabalho investiga o humor como um produto turístico identitário para o povo cearense. Para isso, o presente estudo os vários conceitos e definições de humor, riso, molecagem. Objetivou-se com esta pesquisa investigar o potencial dos espetáculos artísticos de humor como um dos produtos turísticos identitário do povo de Fortaleza Na metodologia foram utilizadas as pesquisas exploratória e bibliográfica. A investigação pretende, portanto, ser uma ferramenta motivadora de ponderação sobre o humor e o turismo de Fortaleza, que unidos podem galgar simultaneamente.

Palavras-chaves: Turismo, Humor, Riso e Ceará Moleque.

## 1. Introdução

Humor é um componente de suma importância para os seres humanos, de maneira que a alegria e o sorriso são contagiantes e criam conexões entre as pessoas, tornando-se um elemento chave para a relação entre os indivíduos, tendo em vista que normalmente rimos de alguém ou com alguém, dificilmente nos encontramos rindo sozinhos. A natureza do humor vai variar conforme as sociedades e épocas, e são exatamente essas diferenças que nos proporcionam grandes descobertas sobre o desenvolvimento cultural e social do passado.

O povo cearense tem uma molecagem como particularidade e se destaca em qualquer lugar do Brasil por sua veia cômica. Boa parte dos grandes personagens do humor que se destacaram em âmbito nacional é proveniente do Ceará, característica que muitas vezes desperta o interesse de pessoas de outras regiões do país em conhecer o nosso estado, movimentando o fluxo turístico.

O turismo é o movimento de pessoas, é um ramo das ciências sociais que faz parte da natureza do ser humano. Os turistas estão cada vez mais exigentes, pois nosso país oferece uma grande variedade de destinos, que vai variar conforme o público, atendendo aos anseios e necessidades específicas de cada turista, caracterizando uma segmentação de mercado. Fortaleza é uma cidade que possui um elevado potencial turístico, devido à sua grande diversidade de atrativos e à sua indústria hoteleira de causar inveja a outras cidades. Com o crescimento do turismo em Fortaleza, os turistas aproveitam sua estada e assistem aos shows de humor.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Gestão de Negócios Turísticos – Universidade Estadual do Ceará. Graduada em Gestão de turismo – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. E-mail: ju.ar.costa@hotmail.com

Agregar a cultura ao turismo e, mais ainda, agregar o humor à cultura é um desafio a ser vencido. Ser atraído a Fortaleza não mais e somente pelas suas praias, e sim pela possibilidade de ver de perto um show humorístico, de poder usufruir dessa arte tão fascinante e contagiante, podendo compartilhar, posteriormente, esses momentos com seus conhecidos, nos parece ser algo de extrema importância ainda a ser alcançado.

Levando em consideração a importância das apresentações humorísticas para o turismo na cidade e a quantidade de turistas que vêm a Fortaleza e, conseqüentemente, acabam frequentando um local que apresenta *show* de humor, esta pesquisa propõe-se a responder o seguinte questionamento: O humor cearense é um produto turístico identitário de tal povo? O objetivo geral desta pesquisa é investigar o humor cearense como um produto turístico identitário de tal povo.

Em relação à metodologia, quanto à sua finalidade, este trabalho tem caráter exploratório, já que são poucos os trabalhos com essa temática. Em relação aos meios, a pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, porque a fundamentação teórico-metodológica foi realizada através de um estudo sistematizado, com base em materiais publicados em livros, revistas e redes eletrônicas que deram suporte para a investigação sobre o humor como um produto turístico no estado do Ceará, utilizando uma abordagem qualitativa.

A molecagem é um termo que surgiu desde os tempos da escravidão e frequentemente era associado à criança negra, pois tais meninos costumavam fazer traquinagens. Com o decorrer das décadas, esse termo foi também associado aos cearenses, tendo em vista que a história de tal povo é repleta de fatos que viraram folclore. Esses acontecimentos caracterizam o período que ficou conhecido como Ceará Moleque. Normalmente, esses episódios ocorriam na Praça do Ferreira, localizada no centro da cidade de Fortaleza, como por exemplo a vaia ao sol, no dia em que o sol resolveu aparecer após três dias de chuva, causando a revolta do povo, e a eleição de um bode para vereador de Fortaleza. Assim, podemos afirmar que o humor é um traço marcante da cultura cearense.

## **2. O riso e o humor: seus conceitos e inter-relações**

Para compreender o riso, é necessário entender a sua real função, que se pode dizer que é uma função social, colocando-o no seu ambiente natural: a sociedade. Mas o riso não pode ser considerado apenas como um movimento de contração gestual, como já afirmou Bergson (2001), “o riso é um fenômeno social; ele esconde uma segunda intenção de entendimento com outros ridentes, reais ou imaginários.”, pois, podemos afirmar que na, maioria das vezes, não rimos sozinhos, estamos sempre sorrindo com alguém ou até mesmo de alguém, ou lembrando de algo, ocasionalmente, é que nos pegamos rindo sozinhos.

Também podemos dizer que o riso, muitas vezes, aponta um determinado erro ou falha, variando conforme a época e a cultura, enfim, é um riso coletivo, intolerante e conservador que pune, severamente, aquele que não observa as regras sociais de convivência, as pessoas têm o costume de rir dos erros ou defeitos dos outros, muitas vezes sem olhar para si. Quando se ri de alguém, qualquer pessoa sente-se, num determinado momento, superior a outra, examinando sua maneira, é possível rir de si mesmo, porém é bem mais comum rir do outro, visto que descobrir o ridículo em uma pessoa, pode elevar a autoestima da que está rindo, é o chamado riso de zombaria. Ou seja, o prazer do cômico está na percepção de nossa superioridade sobre os defeitos da pessoa de quem se ri. Esse é o caráter maléfico e depreciativo do riso, ele é uma espécie de trote social, sempre um tanto ofensivo para quem é alvo dele. É o que fica claro na seguinte citação de Minois (2003):

É tão doce maldizer o próximo, descreve Quinault:  
Sem a doçura que se experimenta em maldizer,  
Há poucos prazeres sem tédio  
Nada é tão agradável quanto rir  
Quando se ri à custa do outro

(QUINAULT apud MINOIS, Georges. História do riso e do escárnio.  
São Paulo: editora UNESP, 2003, p. 385).

O riso é uma das coisas mais comuns que todos nós fazemos, é universal na espécie humana. Ele desarma as pessoas, ou seja, cria uma ponte entre elas e facilita o comportamento, funcionando como uma ferramenta indispensável para nossa sobrevivência.

Cada pessoa ri de um determinado fato ou de alguém, de maneira que o que é engraçado para um pode não o ser para outro, e o sorriso ou gargalhada também vai variar, tudo isso conforme uma determinada cultura ou época. Para o antropólogo Roque de Barros Laraia (2006), “todos os homens riem, mas o fazem de maneira diferente por motivos diversos”, e ele testemunha:

A primeira vez que vimos um índio rir foi um motivo de susto. A emissão sonora, profundamente alta, assemelhava-se a imaginários gritos de guerra e a expressão facial em nada se assemelhava com aquilo que estávamos acostumados a ver. Tal fato se explica por que cada cultura tem um determinado padrão para este fim (LARAIA, 2006, p. 69).

O riso, quando aplicado ao exemplo dos *shows* de humor, é provocado quando a piada é contada pela primeira vez, quando a mesma é desconhecida para o ouvinte, e esta nos faz rir pelo seu fim inesperado, porém, quando ouvimos a mesma piada mais vezes, o riso não é suscitado ou, quando o é, não é da mesma forma, será um riso mais calmo e fraco, muitas vezes consigo próprio, pois por já conhecer o

término da história, não há mais o efeito de surpresa ao ouvinte, portando, o surto de riso é como um sobressalto.

Propp (1992) nos explica que existem vários tipos de riso:

O riso pode ser alegre ou triste, bom e indignado, inteligente e tolo, soberbo e cordial, indulgente e insinuante, depreciativo e tímido, amigável e hostil, irônico e sincero, sarcástico e ingênuo, terno e grosseiro, significativo e gratuito, triunfante e justificativo, despuorado e embaraçado. Pode-se ainda aumentar esta lista: divertido, melancólico, nervoso, histérico, gozador, fisiológico, animalesco. Pode ser até um riso tétrico! (PROPP, 1992, p. 27 e 28)

Esse primeiro riso mencionado, o de alegria, é extremamente necessário socialmente, porque é ele que desperta a alegria de viver e cria o bom humor, facilitando o relacionamento entre as pessoas e elevando o tônus da vida, além de promover efeitos positivos em nossos contatos sociais.

O riso é frequentemente associado com a expressão de emoções positivas, e não é em vão, pois pesquisas apontam que a afirmativa é verídica, tendo em vista que riso e humor diminuem estresse e ansiedade, portanto, podemos mencionar a famosa frase que diz que sorrir é o melhor remédio.

Já em relação ao humor, podemos afirmar que é um estado de ânimo cuja intensidade representa o grau de disposição e de bem-estar psicológico e emocional de um indivíduo.

Salida (2002) nos apresenta a seguinte definição:

O humor, que originalmente significava líquido em referência às substâncias líquidas que circulavam pelo corpo, foi definido como um tipo de estímulo que tende a desencadear aquele reflexo motor, produzido pela contratação coordenada de quinze músculos faciais – acompanhado pela alteração da respiração e por certos ruídos irreprimíveis. (SALIDA, 2002, p. 19)

Esse conceito é o que melhor expressa o significado do humor e do riso em um consenso a que chegaram inúmeros filósofos, de Aristóteles a Hobbes<sup>2</sup>, de Platão a Georges Bataille<sup>3</sup>.

Outro filósofo que tentou entender o humor foi Freud<sup>4</sup>, ratificando as teorias antes mencionadas neste trabalho de que normalmente se ri de alguém e do seu erro e de que o riso é causado por efeito de surpresa.

Caracterizando o humor como um ato de regressão, Freud também refletiu extensamente sobre os efeitos tranquilizadores e “positivos” das técnicas humorísticas. Como muitos teóricos do riso, reconhecia

---

<sup>2</sup> Matemático, teórico político, e filósofo inglês, autor de *Leviatã* (1651) e *Do cidadão* (1651).

<sup>3</sup> Escritor francês que abordava temas como o erotismo, a transgressão e o sagrado em suas produções e cuja obra se enquadra tanto no domínio da Literatura, como no campo da Antropologia, Filosofia, Sociologia e História da Arte.

<sup>4</sup> Neurologista austríaco e fundador da psicanálise.

que um comediante, quando conta uma anedota, começa deliberadamente com a intenção de criar nos ouvintes certa tensão, que aumenta até um desfecho do tipo “guilhotina verbal”, que reverte drasticamente as expectativas da platéia. Relembrando que o móvel do riso é “a repentina transformação de uma expectativa em nada”, Freud descreveu o humor como uma “ruptura de determinismo”, acrescentando que esta ruptura é acompanhada também por uma ruptura de previsão – só se poderá chegar ao riso se esta for uma nova previsão tranquilizadora. Evidentemente, se fui eu que escorreguei numa casca de banana, não serei eu que vou rir... (Salida, 2002, p. 23).

Pode-se assim dizer que humor é uma atitude através da comunicação (oral ou gestual) que faz com que pessoas sintam-se felizes, deem boas gargalhadas e divirtam-se com o apresentado.

Bremer e Roodenburg (2000) definem o humor como “qualquer mensagem – expressa por atos, palavras, escritos, imagens ou músicas – cuja intenção é de provocar o riso ou um sorriso”. Assim, o humor pode até ser entendido como meio de satisfazer a necessidade de alegria.

O humor é divertido e sério ao mesmo tempo; é uma qualidade vital da condição humana. Ele quase sempre reflete as percepções culturais mais profundas e nos oferece um instrumento poderoso para compreensão dos modos de pensar e sentir moldados pela cultura.

Através de um olhar sociológico, podemos dizer que o humor requer a cumplicidade do ouvinte, e gera uma simpatia, vinda da solidariedade diante das desgraças e dificuldades do grupo social, profissional, humano, é uma espécie de arma protetora contra a angústia, com uma dimensão defensiva, tendo em vista que muitas vezes o sorriso faz com que as pessoas esqueçam seus problemas momentaneamente. Baseando-se nas palavras de Keith Cameron, Minois (2003) explica o humor da seguinte forma:

O humor, escreve Keith Cameron, “foi sempre uma fonte de consolo e uma defesa contra o desconhecido e o inexplicável. A própria existência do homem pode ser considerada como uma brincadeira; sua significação está mal definida e é difícil explicá-la fora da religião”. O humor moderno é menos descontraindo que o de séculos passados, porque incide não mais sobre este ou aquele aspecto da vida, mas sobre a própria vida e seu sentido, ou sua ausência de sentido. Quanto à ironia, aos olhos de muitos é indispensável, em nossos dias, nas questões sociológicas. (MINOIS, 2003, p. 569)

Enfim, riso e humor são características universais e particulares, tendo em vista que todo ser humano pode rir e fazer rir (fenômenos que sempre acompanharam a humanidade), contudo, o modo como se ri e o motivo pelo qual se ri estão condicionados pelo sistema cultural de cada grupo ou sociedade, determinante do seu processo de formação.

A irreverência do povo cearense está tão presente atualmente como no século XIX, século em que ocorreu o chamado Ceará Moleque, e essa identidade do cearense pode ser encarada como uma espécie de reivindicação desse povo que tem repulsa em perder-se no meio das múltiplas referências culturais. Esse traço característico do cearense nunca deixou e nem vai deixar de existir, apenas varia conforme o contexto social em que se encontra.

### 3. As raízes da molecagem

O termo moleque era continuamente utilizado em alusão à criança negra. Tratar alguém de pele branca por essa denominação durante o regime escravocrata no Brasil era considerado uma ofensa. Atualmente, a palavra pode ser associada tanto para indicar um garoto, bem como um indivíduo sem caráter.

De acordo com Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1986), em seu Novo Dicionário da Língua Portuguesa, a palavra moleque possui as seguintes definições: “S.m. 1. Negrinho. 2. Indivíduo sem palavra, ou sem gravidade. 3. Canalha, patife, velhaco. 4. *Bras.*, Menino de pouca idade. [...]. 6. *Bras.*, CE Pop. v. diabo (2) Adj. 7. Engraçado, pilhérico, trocista, jocoso: dito moleque. 8. Canalha, velhaco”. (*ibidem*, p. 937).

Enquanto isso, conforme o Vocabulário Popular Cearense, de Raimundo Girão (2000), a definição de moleque é a seguinte: “s.m. Preto ou quase preto (pessoa) = Canalha, sem vergonha, patife = Rapazote bem moreno [...]. Molecagem ou molequice é incorreção de atitude, de procedimento e, também, sem-vergonhice. Molecada ou molecório – a ralé, gentinha [...] (*ibidem*, p. 268). Já Luís da Câmara Cascudo (2001) define a palavra no seu Dicionário do Folclore Brasileiro como “Rapaz, rapazola, rapazote, em Kimbundo, *muleke*”. (*ibidem*, p. 395).

De acordo com tais definições, podemos concluir que esse termo é, na maioria das vezes, associado a canalhice ou a cor da pele negra, possivelmente provenientes do modo como o negro foi incorporado ao passado colonial brasileiro, o que ratifica a afirmativa com que iniciamos o capítulo. Essa correlação ocorria devido ao fato de que, durante o regime escravocrata, os meninos negros faziam travessuras e brincadeiras e, portanto, suas ações foram consideradas coisas de moleque.

Tais ações são exemplificadas por Freyre (1996) no seguinte trecho do prefácio de sua obra:

E, por sua vez, a rua foi se desferrando ao antigo domínio absoluto da “casa nobre” e da “casa grande”, do sobrado. O muleque – a expressão mais viva da rua brasileira – foi se exagerando no desrespeito pela casa. Emporcalhando os muros e as paredes com seus calungas às vezes obscenos. Mijando e defecando ao pé de portões ilustres e até pelos corredores dos sobrados, ao patamar das escadas. (FREYRE, 1996, p. XLV)

Essa molecagem também se estendeu aos mestiços livres e pobres, uma população miserável que ocupou um espaço público e urbano brasileiro. Os meninos das casas sobradas não poderiam brincar nas ruas para não correr o risco de degradar-se em moleque. Dessa forma, no Brasil, o substantivo moleque passou a ter um significado pejorativo com o sentido de canalhice.

Em Fortaleza, foi publicada uma folha pasquineira<sup>5</sup>, no final do século XIX, chamada “O moleque”, que trazia ao lado do título a figura de um negro segurando um cacete na mão e que possuía os seguintes dizeres: “Temos desejo de fazer molecagem”.

Em suma, todos esses fatos nos levam a concluir que os termos moleque e molecagem têm sua ascendência nada mais que relacionada aos preconceitos desenvolvidos em relação aos africanos escravizados no Brasil.

#### **4. A formação étnica do povo cearense**

Para uma melhor compreensão sobre como o cearense foi construindo seu caráter cômico no decorrer dos séculos, se faz necessário primeiramente conhecer um pouco mais sobre a etnia e as marcas hereditárias de tal povo, que enfrenta as dificuldades do cotidiano com um sorriso no rosto, ou até mesmo transformando suas desventuras em piada ou deboche, tornando-se um traço cultural identitário.

As terras cearenses foram primeiramente habitadas pelos indígenas, porém não se sabe quantos índios viviam no Ceará na época da chegada europeia, no início da colonização. Os nativos estavam agrupados em cinco grupos: Tupis, Cariris, Tremembés, Tarairius e Jês. Contudo, o branco colonizador fez com que tais índios fossem catequizados e civilizados, ocorrendo o chamado processo de aculturação, em que duas culturas diferentes se encontram e uma se sobrepõe a outra.

Dessa forma, o índio foi aculturado e muitas vezes até mesmo escravizado, pondo fim a diversas tribos, que não resistiram a ação dos missionários católicos. Todavia, todos reagiram de modo heroico contra tal dominação europeia escapando dos aldeamentos ou lutando contra os invasores. Em relação ao perfil étnico dos cearenses, Sousa (2000) nos explica que:

Pelo censo de 1991, o perfil étnico do Ceará continua com o mesmo rosto mostrado pelas primeiras estatísticas, com a presença indígena, que teima em não desaparecer por mais que forças antagônicas tenham-se esforçado no sentido contrário, predominando de forma ampla um povo de cara mestiça-parda. (SOUZA (org.), 2000, p. 106)

---

<sup>5</sup>Semanário brasileiro, reconhecido por seu papel de oposição ao Regime Militar.

Os povos indígenas nos deixaram uma vasta herança cultural, que vai além de um conjunto de palavras. A culinária brasileira, por exemplo, herdou diversas práticas da cultura indígena, bem como a utilização da mandioca e seus derivados, o costume de se alimentar com frutas e peixes e etc. Também herdamos a crença nas práticas populares de cura (a enfermidades derivadas das plantas), além da vontade de andar descalços, a utilização de redes e algumas técnicas de artesanato, bem como enfeites ornamentados com escamas de peixe, sementes ou penas e bolsas trançadas de fios e fibras. Enfim, podemos afirmar que a identidade cultural do nosso povo demonstra uma integração notória dos hábitos miscigenados.

Ainda durante esse processo de colonização das terras, foram trazidos negros africanos para servir como força de trabalho escravo e, aos poucos, esses africanos foram-se incorporando ao processo de ocupação das terras e da construção da história da sociedade cearense, é o que nos explica Sousa (2000).

Contudo, os escravos também possuíam os seus espaços lúdicos, buscados nos seus momentos de lazer nos folguedos religiosos, em que se mesclavam o sagrado e o profano através dos batuques e das danças, funcionando como uma espécie de ruptura com a vida cotidiana e, nesses momentos, que o riso se tornava mais frequente, proporcionando momentos de alegria. Foi dessa forma que o Ceará herdou o maracatu, ritmo representativo por suas apresentações no carnaval em Fortaleza nos dias atuais.

É interessante mencionar que o Ceará foi a primeira província do Brasil a abolir o sistema escravocrata do seu território, quatro anos antes da promulgação da Lei Áurea<sup>6</sup> e, devido a tal fato, o estado é conhecido como terra da luz, ou como o berço da liberdade.

A etnia cearense foi brotando lentamente. Moura (2012) nos explica que os três principais elementos que fizeram parte da formação étnica de tal povo foram o aborígene<sup>7</sup>, o branco de predominância portuguesa e o negro, pois a pilhéria, o riso, a galhofa, foram características pertencentes tanto aos indígenas quanto aos negros, enquanto do povo português foi herdada a inteligência e a força. E assim surgiu o mestiço cearense, portando traços desses três povos. Moura (2012) nos explica da seguinte forma:

O mestiço é gente alegre, divertida e de notável adaptabilidade. O mestiço cearense não é o povo triste a que se refere Paulo Prado, em relação ao brasileiro. Ao visitar o Ceará, em 1944, Alfredo Teodoro Rusins esperava “encontrar caras tristonhas”. Deparava-se, porém, com o “espírito jovial”, ressaltando que o rosto do cearense reflete alegria sã (Revista Contemporânea, no 39, 1944, p. 23 *apud* MOURA, 2012, p. 22).

---

<sup>6</sup> Sancionada em 13 de maio de 1888, foi a lei que extinguiu a escravidão no Brasil, assinada pela princesa Isabel.

<sup>7</sup> Povo indígena.



Por fim, podemos afirmar que o povo do Ceará, em qualquer terra em que esteja, irá difundir a sua cultura e transmitir a sua alegria, pois é uma característica inata pertencente a tal região, apesar de enfrentar dificuldades. O cearense possui o dom de transformar o choro em riso.

## **5. O Ceará Moleque e os fatos pitorescos que emblematizam a trajetória do humor no Estado**

No século XX, o Ceará vivenciou um período que ficou denominado Ceará Moleque, devido aos muitos fatos inusitados que ocorriam, principalmente na famosa Praça do Ferreira, localizada no centro da cidade de Fortaleza, bastante frequentada por estudantes e boêmios na época.

Um caso marcante foi o chamado cajueiro da mentira, também conhecido como cajueiro botador, devido ao fato de dar frutos durante todo o ano, localizado na Praça do Ferreira. No início do século XX, todos os dias primeiro de abril, à sombra desse cajueiro, havia uma sessão de mentiras, onde aqueles que eram frequentadores assíduos da praça se reuniam para contar causos e, em seguida, havia a eleição do melhor potoqueiro<sup>8</sup>, através de votação em uma urna que ficava pendurada no tronco da árvore. Durante a noite, o nome do vencedor era colocado escrito em uma placa no tronco do cajueiro, havendo também uma pequena homenagem com aplausos, discursos e risos. Em 1920, o cajueiro foi banido, devido a uma revitalização da praça. A figura a seguir, nos ilustra tal fato explicitado.

Atualmente, no local, existe uma placa com os seguintes dizeres: “Neste local existiu um frondoso cajueiro que por frutificar o ano todo era apelidado Cajueiro Botador, ou por se realizarem, sob sua copa, cada 1º de abril as eleições para o maior potoqueiro do Ceará, era chamado Cajueiro da Mentira.”.

Outro episódio bastante conhecido foi a eleição do famoso bode loiô para vereador de Fortaleza, em 1920, em forma de protesto aos desmandos e corrupções exercidos pelos políticos da época, tornando-se um mito. Ele recebeu essa denominação devido ao fato de perambular pelas ruas da cidade, realizando o mesmo percurso diariamente até a Praça do Ferreira. Além disso, também frequentava teatros, coretos e saraus. Segundo o artigo Turismo em Fortaleza: Fábrica de Gargalhadas (sem autor) “o bode bebia cachaça, tinha preferência pelas moças, participou de atos políticos em coretos e saraus literários, comeu a fita inaugural do Cine Moderno, assistiu peça no Teatro José de Alencar e até passeou de bondinho”.

O bode também era um exímio entendedor do sexo feminino, e tinha o costume de levantar com o seu chifre a barra das saias e dos vestidos das moças que passavam pelas ruas. O caprino foi encontrado morto em 1931, nas proximidades da Praça do Ferreira, tornando-se um mito. Atualmente, está empalhado e exposto no

---

<sup>8</sup> Contador de potocas e/ou mentiras.

Museu do Ceará, localizado no centro da cidade de Fortaleza, representando o Ceará Moleque.

Também podemos mencionar como característica marcante desse período as famosas vaias, emitidas contra fatos considerados extraordinários, ou até mesmo contra o modo de se vestir ou de se comportar em público que fossem considerados esdrúxulos. Surgiam sempre de maneira inesperada, causando algazarra e despertando a atenção da polícia, que por diversas vezes também era vítima das vaias por tentar conter as manifestações.

Um dos episódios mais conhecidos do Ceará moleque foi a vaia ao sol, no ano de 1942, na Praça do Ferreira, pois o sol não aparecia há três dias, Fortaleza enfrentou três dias nublados, então, no terceiro dia, quando o astro-rei resolveu aparecer, os que estavam na praça promoveram uma enorme vaia, grito de deboche característico do povo cearense, tudo isso porque as pessoas queriam mais chuva, conforme nos ilustra a figura 01.

E a famosa história da vaia para o sol, em plena Praça do Ferreira, em 1942? Depois de três dias sem aparecer, o sol foi vaiado pelos cearenses que queriam mais chuva. O fato, verídico, marcou época e até hoje é lembrado como mais uma “presepada” made in Ceará.  
(Informatudo Pague Menos, ano 4, p. 12-13)

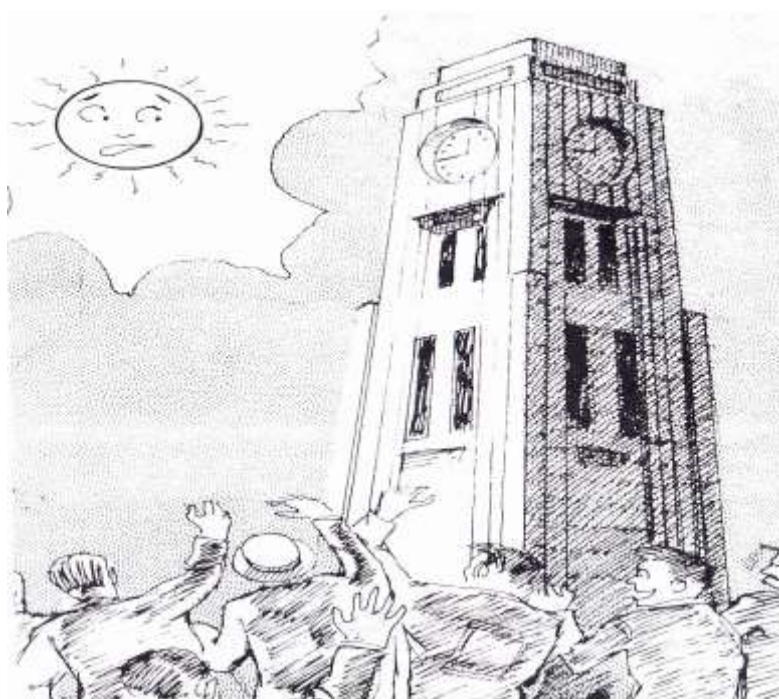


Figura 01: Rubens de Azevedo reconstituiu, no seu lápis mágico, a Vaia do Sol na Praça do Ferreira (dia 30 de janeiro de 1942)

Fonte: JOB, Daniel Carneiro. Praça do Ferreira: o inédito, o sério e o pitoresco. Fortaleza: Fundação de Cultura e Turismo de Fortaleza, 1992, p. 51.

Esse tipo de protesto era algo bastante comum de se ocorrer na Praça do Ferreira durante o Ceará Moleque. Job (1992) conta que, certo dia, quando um dos pneus de um carro fúnebre estourou, isso foi motivo para que os que frequentavam a praça naquele momento viassem estrepitosamente, é o que pode ser observado na figura 02. O autor também conta outro episódio, ocorrido em 1920, quando o rei da Bélgica veio ao Brasil e, quando foi feito o seu cortejo pelas ruas, a maioria das pessoas manifestava carinho, porém, dois gaiatos<sup>9</sup>, emitiram vaias e ficou constatado que eram dois cearenses, provenientes de Itapipoca. E concluiu com a seguinte pergunta: “Se aqui no Ceará nem o Sol nem caixão de defunto escapavam das vaias, por que haveria de ser poupado o Rei da Bélgica?”.

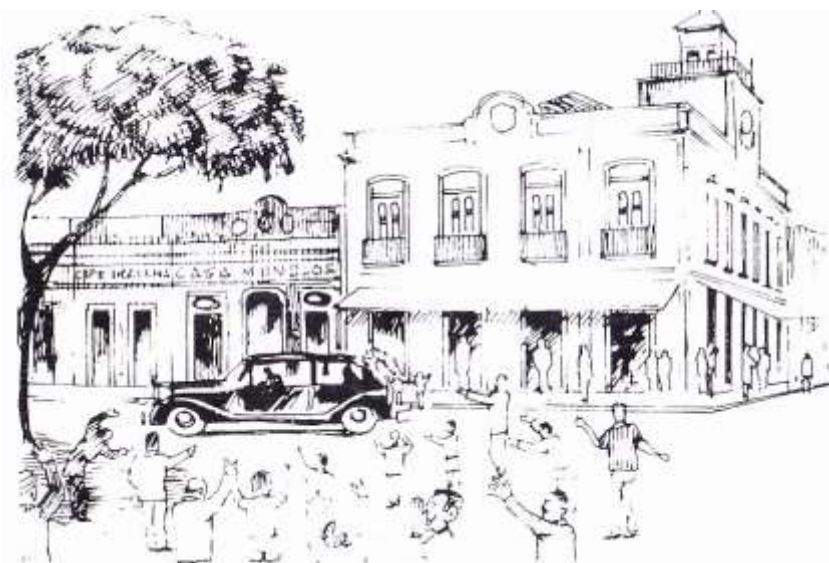


Figura 02: A vaia ao defunto, na Praça do Ferreira, vista pelo lápis de Rubens de Azevedo.

Fonte: JOB, Daniel Carneiro. Praça do Ferreira: o inédito, o sério e o pitoresco. Fortaleza: Fundação de Cultura e Turismo de Fortaleza, 1992. p. 50.

Segundo Leitao (2002), os frequentadores da Praça do Ferreira, nessa época, esperavam que passasse algum marreta<sup>10</sup> e o vaiavam, muitas vezes até com palavras de insulto. O padre Emílio, uma outra figura do Ceará moleque, sugeriu que estes fossem humilhados com um castigo físico, e foi assim que surgiu o “dedo do povo”, popularmente conhecido como “dedada”.

É o que fica claro na seguinte citação de Leitao (2002):

O DEDO DO POVO, depois simplesmente conhecida como DEDADA, é a mais original e depuradora instituição do Ceará-Moleque. Funcionava assim: Quando um marreta era agarrado pela turba exaltada da Praça, era posto de pé num banco, seguro por várias

<sup>9</sup> Gíria comum no Ceará que significa rapaz travesso e vadio.

<sup>10</sup> Grupo político que surgiu no Ceará, após a deposição do presidente Nogueira Accioly, um dos mais influentes políticos do Ceará, para enfrentar o Rabelismo, grupo político que apoiava Marcos Rabelo, antigo governador do Ceará.

mãos e, ao estar completamente sujigado, alguém introduzia-lhe com veemência o dedo indicador no ânus, sem dó nem reza. Era o legítimo toque retal, perpetrado aos gritos na praça pública. A humilhação suprema. (LEITAO, 2002, p.44)

Além das vaias, outra característica marcante do Ceará moleque foram os apelidos, usados como forma de expor o apelidado ao ridículo, sendo utilizado principalmente para as autoridades detestadas pelo povo.

O comendador Nogueira Accioly<sup>11</sup>, por exemplo, era conhecido como babaquara, devido ao fato de viver se vangloriando ou, em expressão popular, se babando. Este mesmo, em troca, chamava o povo de arraia miúda. Já o presidente João Tomé de Sabóia e Silva<sup>12</sup> (1916-1920), ganhou o apelido de manda-chuva, por ser inventor de uma máquina de fazer chover. Faustino Albuquerque<sup>13</sup> (1947-1951) também não escapou dos apelidos e foi alcunhado de chiquita bacana. Os representantes do alto clero foram igualmente apelidados. Dom Manuel da Silva Gomes<sup>14</sup> era conhecido como bolo confeitado e Dom Lustosa<sup>15</sup> como envelope aéreo.

Entretanto, podemos afirmar que o termo Ceará Moleque, apesar de datado do século XX, apareceu pela primeira vez em uma obra literária em que a trama se passava em Fortaleza. O romance se chama A Normalista, de Adolfo Caminha e foi publicado originalmente em 1893. A obra retrata o cotidiano de uma Fortaleza provinciana. Caminha (1997) buscou criar uma crônica social e, portanto, o termo moleque passou a ser interpretado negativamente como canalhismo de província.

Um elemento que exerceu grande influência sobre esse período foi o jornal, que publicava artigos de humor que sempre tinham o real intuito de manter uma hierarquia social, e os redatores do Ceará moleque foram denominados de pasquins. É o que nos explica Silva (2009).

Em resumo, ficou comprovado que o “humor costumbrista” buscava por meio do riso corrigir, regular e modelar hábitos. Um riso com a função de correção e de flexibilização do desvio social. Através da prática cômica (caráter ético-moral), se provocava o sentimento de vergonha e de embaraço, para que o elemento desviante (com comportamento não civilizado), ao ser constrangido, consertasse e\ou internacionalizasse o que esperava e impunha a classe dominante, desejosa que estava de fazer reconhecer como necessária e incontestável a implantação de uma sociedade mais humana e moderna. (SILVA, 2009, p. 178)

Foi em meados de 1980, que surgiram em Fortaleza os até então conhecidos humoristas, muitos deles oriundos do teatro, estes, realizavam

---

<sup>11</sup>Político brasileiro, presidente e um dos mais influentes políticos do Ceará durante a República Velha.

<sup>12</sup> Governador do Ceará de 1916 a 1919 e senador entre 1921 e 1930.

<sup>13</sup>Advogado e político brasileiro, governador do Ceará de 01 de março de 1947 a 31 de janeiro de 1951.

<sup>14</sup> Terceiro bispo do Ceará e primeiro arcebispo de Fortaleza.

<sup>15</sup> Bispo católico brasileiro.

apresentações em bares, pizzarias, restaurantes, teatros, etc, dando início aos *shows* de humor que até hoje fazem sucesso.

E foi a partir da década de 1990 que essa grande onda de *shows* de humor ganhou um maior destaque, visto que alguns dos profissionais foram contratados pelas emissoras de televisão para fazerem programas humorísticos, até mesmo em âmbito nacional. Foi dessa forma que permaneceu até os dias atuais a irreverência cearense que se tornou conhecida desde o Ceará moleque.

## **6. O humor e sua acuidade como produto turístico para a cidade de Fortaleza**

A capital do Ceará, Fortaleza, é um dos destinos mais procurados por turistas nacionais e estrangeiros, segundo a Associação Brasileira de Agências de Viagens (ABAV), e o número de visitantes cresce notavelmente a cada ano, o que proporcionou um desenvolvimento na rede hoteleira local. Isso acontece devido à vasta gama de produtos turísticos que a cidade possui, dentre eles podemos ressaltar as suas belas praias, afinal de contas somos famosos pelo turismo de sol e mar, tendo em vista que o sol aparece durante quase todo o ano.

Entre outros produtos, citamos a sua agitada vida noturna, tendo em vista que a cidade oferece festas diariamente, não faltam opções de lazer para os turistas nas noites em Fortaleza, agradando aos distintos gostos e estilos, também podemos fazer menção a gastronomia e a receptividade dos moradores e, evidentemente, não poderíamos esquecer de mencionar os *shows* de humor. Com tantas opções, não há quem deixe de ficar arrebatado por tal lugar e não deseje o conhecer ou retornar.

Entretanto, para uma melhor compreensão dos espetáculos humorísticos em Fortaleza como um produto turístico, se faz necessário primeiramente conceituar tal termo. Um dos clássicos autores do turismo, Beni (2007), define produto turístico como “um conjunto composto de bens e serviços produzidos em diversas unidades econômicas, que sofre uma agregação no mercado ao serem postos em destaque os atrativos turísticos”. Outro autor que apresenta tal significação é Andrade (1999), defendendo que “o produto turístico é um composto de bens e serviços diversificados e essencialmente relacionados entre si”.

Ou seja, podemos afirmar que tal produto é composto por atividades e serviços relacionados à utilização de equipamentos de diversão e lazer, dentre outras ações. Ruschmann (1999) conceitua produto turístico como:

A amálgama de elementos tangíveis e intangíveis, centralizados numa atividade específica e numa determinada destinação, as facilidades e as formas de acesso, das quais o turista compra a combinação de atividades e arranjos. (RUSCHMANN, 1999, p. 26)

Conforme mencionado nas seções anteriores, os cearenses possuem o humor como herança cultural. A história deste povo é repleta de fatos pitorescos que tornaram a veia cômica sua particularidade, esse é mais um fato que desperta o

interesse de pessoas de outras regiões em conhecer nosso Estado. Fica perceptível o entendimento a partir de Ruschmann (1999) usando as palavras de Franklin Adejuvon (1885):

Franklin Adejuvon resalta outro componente do produto turístico – a *herança cultural de um povo*. É constituída de fatores inerentes, de hábitos ou lendas instituídas pelo homem e que se difundiram, consciente ou inconscientemente, numa sociedade, através dos anos, de tal forma que delinearão seu estilo de viver, as formas de morar, as lendas e os monumentos. (ADEJUVON, (1):19, jan/abr., 1985 *apud* ROUSCHMAN, 1999, p. 28 e 29, grifo do autor)

Em síntese, podemos concluir que Fortaleza é uma cidade turística com uma vasta gama de opções para entretenimento artístico, mais especificamente no que diz respeito aos espetáculos de humor, variando desde o teatro até as barracas de praia, estando normalmente acompanhados de apresentações musicais, com ou sem refeições inclusas, agradando a distintos tipos de público e em todos os dias da semana.

## **7. Metodologia**

As pesquisas científicas são dotadas de procedimentos de investigação para que se torne possível coletar informações sobre o objeto ou a temática em estudo. A metodologia se faz necessária para traçar o percurso e a maneira de realizar a investigação científica, tornando-se um mecanismo de suma importância para a pesquisa.

A pesquisa exploratória foi um contato inicial com os elementos da pesquisa que estão ligados a temática deste estudo. Segundo Piovesan e Temporine (1995), a pesquisa exploratória é “o estudo preliminar realizado com a finalidade de melhor adequar o instrumento de medida à realidade que se pretende conhecer”. Foi através dela que se tornou possível uma aproximação com as fontes de pesquisa, tornando-se claro e objetivo o que buscar de cada fonte.

Este tipo de investigação foi de grande relevância por esclarecer os caminhos a serem tomados e proporcionar o conhecimento sobre as melhores estratégias e dos locais para a realização da pesquisa, servindo como um prognóstico, desenvolvendo-se através de uma busca por *sites* e arquivos na internet, além de visitas a bibliotecas públicas.

Em síntese, podemos afirmar que explorar as opções funciona como uma maneira de identificar os melhores caminhos a serem traçados e as possíveis formas de realizar o estudo.

Todo e qualquer estudo não pode desconsiderar a consulta de materiais bibliográficos, tornando-se essencial para os trabalhos científicos. Segundo Marconi e

Lacatos (2001), “a pesquisa bibliográfica trata-se do levantamento de toda bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita”.

Perfilhando o valor e a necessidade da fundamentação teórica nos trabalhos científicos, conclui-se que neste trabalho a pesquisa bibliográfica se constituiu um elemento imprescindível para a sua consolidação. Tal estudo foi sistematizado através de livros, artigos e monografias capazes de proporcionar esclarecimentos relacionados ao riso, humor, molecagem e turismo e as relações que existem entre tais elementos.

Após a exploração, a busca por materiais bibliográficos tornou-se mais ágil, pois já se sabia em quais bibliotecas pesquisar e quais obras seriam lidas, além dos *sites*. Enfim, através dela foi desempenhada a formulação das argumentações e das conclusões.

## **8. Conclusões**

Uma pesquisa científica precisa buscar conhecimento sobre a realidade, contribuindo com a sociedade, mas também deve despertar ponderações acerca da sua temática em análise. O presente artigo reuniu ideias de filósofos, sociólogos, historiadores e outros autores relacionados ao turismo com o intuito de discutir sobre os *shows* de humor como um produto turístico para a cidade de Fortaleza, um tema ainda pouco abordado cientificamente.

A carência de informações e material bibliográfico não foram obstáculos para o desenvolvimento desta pesquisa, no entanto, sabemos que muitas questões ainda poderão surgir. Podemos, portanto, afirmar que investigar tal tema foi uma atitude desafiadora e recompensadora.

Este estudo nos mostrou que o humor faz parte das nossas vidas desde os tempos da pré-história, estando sempre presente ao longo da evolução das sociedades humanas. Especificamente no Ceará, essa característica se transformou num traço identitário de tal povo desde o período conhecido como Ceará Moleque, em que aconteceram diversos fatos tidos como pitorescos para a sociedade da época e, desde então, os cearenses tornaram-se conhecidos por sua capacidade de transformar até mesmo episódios cotidianos em piada, várias vezes convertendo o choro em riso.

O presente estudo realizado é apenas uma contribuição inicial para futuras pesquisas relacionadas ao tema e, com ele, espera-se que seja lançada uma semente para uma melhor compreensão dos *shows* de humor como um produto turístico em Fortaleza, e que os órgãos governamentais e de entretenimento possam lançar editais voltados a projetos de humor, tendo em vista que a maioria dos projetos existentes é de criação dos próprios humoristas, criando novas oportunidades para os que atuam diretamente com humor.

Para concluir, podemos afirmar que vir a Fortaleza e não assistir a um *show* de humor é como não ter conhecido parte da cultura cearense, tendo em vista que

esse traço tornou-se característica marcante de tal povo e, portanto, pode ser considerada como um fator determinante da qualificação e da importância de um turismo receptivo.

## 9. Referências bibliográficas

ANDRADE, José Vicente de. *Turismo - Fundamentos e Dimensões*. 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.

BENI, Mário Carlos. *Análise Estrutural do Turismo*. 12. ed. rev. e atualiz. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação da comicidade*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (coleção tópicos).

BREMMER, Jan. "Piadas, comediógrafos e livros de piada na cultura grega antiga". In. \_\_\_\_\_. e ROODENBURG, Herman (Org.). *Uma História cultural do humor*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

CAMINHA, Adolfo. *A Normalista*. Fortaleza: Diário do Nordeste, 1997.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos: Introdução a História da Sociedade Patriarcal no Brasil – 2: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

GIRÃO, Raimundo. *Vocabulário Popular Cearense*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

JOB, Daniel Carneiro. *Praça do Ferreira: o inédito, o sério e o pitoresco*. Fortaleza: Fundação de Cultura e Turismo de Fortaleza, 1992.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 20. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

LEITAO, Juarez. *A Praça do Ferreira: República do Ceará Moleque*. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2002. MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: editora UNESP, 2003.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia do trabalho científico*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: editora UNESP, 2003.

MOURA, Katia Cilene Paula de. *O "Ceará Moleque" na ponte aérea: O Humor Cearense em concursos midiáticos e sua influência na construção de uma identidade cultural para atividade turística de Fortaleza*. Trabalho de conclusão de curso do Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo. 99p. Fortaleza: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), 2012.

PIOVESAN, Armando; TEMPORINI, Edméa Rita. *Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública*. Rev. Saúde Pública, São Paulo, vol. 29 no 4, Agosto de 1995. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v29n4/10>> Acesso em 27 de abril de 2014.

PROPP, Vladimir. *Comicidade e Riso*. São Paulo: Ática, 1992.

RUSCHMANN, Doris. *Marketing Turístico – Um enfoque promocional*. 4. ed. Campinas: Papyrus, 1990.



S. A. *Turismo em Fortaleza: “Fábrica de Gargalhadas”*. Informatudo Pague Menos. Fortaleza, ano 4, mês 11, vol. 7, nº 42, págs 12 – 13, novembro/dezembro 2004.

SALIDA, Elias Thomé. *Raízes do riso - a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SILVA, Marco Aurélio Ferreira da. *Humor, vergonha e decoro na cidade de Fortaleza (1850 – 1890)*. Fortaleza: Museu do Ceará, SECULT, 2009. Língua. Curitiba, ano 7, nº 79, págs 34 – 35, maio, 2012.

SOUZA, Simone (org). *Uma nova história do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.